

a
c o m p e t i ç ã o
d e
s a l t o

juan pablo gomes

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Fabrício Henriques

FOTO DO AUTOR: Ariadne Aleixo

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G633c GOMES, Juan Pablo. 1988–

A competição de salto / Juan Pablo Gomes – Penalux:
Guaratinguetá, 2019.

182 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-535-5

1. Romance I. Título

CDD B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

ESCRAVOS CARDÍACOS DAS ESTRELAS OU O ÓDIO REVISITADO

[17]

Janelas, escancaradas janelas do 17º andar, aqui vou eu, aqui vai toda essa minha estúpida vontade de apagar a luz, única maneira decente de apagar a dor.

Céu embaixo (1986) – Paulo Leminski

Você deve estar se perguntando o que faz um indivíduo inclinar-se perigosamente no parapeito da cobertura de um prédio de dezessete andares em uma noite de domingo. Tédio seria uma justificativa razoável, mas eu apostaria na certeza incontroversa de que ninguém é capaz de ser feliz em uma noite de domingo, seja por culpa do capitalismo, seja por culpa da cruz.

Esta cidade tão branda e dócil daqui de cima, aquele asfalto tão distante ali embaixo, nem parece que ambos podem nos aniquilar. No frígido dos ovos, um salto é um gesto tão banal quanto apagar uma luz.

Existe um impulso autodestrutivo no homem que se contrapõe ao instinto de sobrevivência e a sensatez refletida de se rechaçar qualquer perigo, daí a vertigem que sentimos ao olhar para um abismo. Edgar Allan Poe resume tal inclinação mórbida como “o demônio da perversidade”.

Não sei se foi Ítalo Calvino ou meu encanador que me disse que todo romance descreve uma jornada. A saga de um herói que passará por inúmeras provações até extrair uma conclusão ou moral a partir do que foi vivido. De certa forma, estamos eternamente condenados a repetir Homero e cada um de nós traz consigo um Odisseu, o que me obriga a descrever como cheguei até aqui, na ausência de alguém melhor que me narre.

A expectativa quanto ao sucesso da empreitada se dava única e exclusivamente em virtude da condição insólita da ideia. Surpreendi a todos na redação e na universidade quando anunciei minha demissão. Pensaram ser mais uma de minhas peças, dentre outras tantas já pregadas. Invoquei motivos vagos e pouco críveis, nenhum mais inverossímil do que largar tudo para rever Ana, minha primeira namorada, ainda mais quando não se vislumbra nenhuma pretensão maior do que o simples ato de rever alguém com quem, há muito tempo, já não tinha qualquer contato.

Não objetivava reconquistá-la, nem tampouco reavivar laços ou requestrar paixões experimentadas há mais de duas décadas. Era apenas um imperativo que germinara em minha mente e florescera de forma inoportuna como uma vegetação que rompe o solo infértil: dar concretude a um pensamento vago, daqueles que surgem quando estamos a sós, levemente embriagados, pelo álcool ou pela nostalgia, criação do imaginário quando visitamos páginas já lidas, que todos nós esconjuramos ao primeiro aceno da realidade desde que estejamos ainda sãos.

Pode ser que tudo não tenha passado de uma mera crise de meia-idade.

Em um primeiro momento, ao receber via e-mail a confirmação da compra da passagem de ida para São Paulo, suspeitei, por óbvio, estar louco. Todavia, o constrangimento em compartilhar, para quem quer que fosse, o singular plano, dava mostras por via transversa de minha lucidez.

Se tudo não passava de um blefe meu, o medo de voar, o longo trajeto, a total impossibilidade de prever o resultado da empreitada, tudo no final haveria de me dissuadir. No entanto, o avião decolou e o tremor de mãos e os calafrios de quem larga o chão dentro de um tubo metálico em alta velocidade, controlado por uma intrincada combinação de máquinas e protocolos de segurança, me convencia e denunciava que era tudo real.

Nunca tive medo de voar, o problema está nas mortes coletivas. Meses a fio veiculado pela imprensa como coadjuvante de um evento trágico. Um nome em uma lista infundável. Quem dera ao menos me fosse oportunizada a chance de ser responsabilizado pela queda. “Faltou-lhe fé na aviação civil”. “Tentaram atirá-lo há mais de dez mil pés quando perceberam que sua insegurança e pânico eram as causadoras da pane”. Um Jonas da modernidade defenestrado e desesperado por uma baleia que o engula e o salve.

Ainda que tenha enfrentado inúmeras turbulências no trajeto de três horas e meia, sentia-me completamente irresponsável quanto ao meu destino. Folheei a revista informativa da empresa aérea, detive-me em uma matéria que exibia fotografias de sorridentes e simpáticos passageiros nos saguões de diversos aeroportos do país. Ao lado da imagem, um quadro expunha o nome de cada um, o lugar de origem, o destino e o

objetivo da viagem. Regozijei-me pensando no leitor desatento de um voo qualquer a observar minha fotografia e expressão um tanto quanto delirante sobre a legenda: “Javier Basoalto saindo de Manaus para São Paulo. Enlouqueceu e pretende rever a primeira namorada que nunca mais encontrou”.

Considerarei peculiar a situação e passível de ser comentada para com um estranho, viro-me para o lado e um sujeito gordo que me acompanhava dormia já em passos largos.

Chego ao meu destino trazendo comigo um divórcio, inúmeros namoros e relações mal resolvidas, empregos tediosos, uma gastrite avançando para úlcera em ritmo galopante e dois ou três objetivos de vida cumpridos, tranquilamente descartáveis, tudo somente me dando a noção de ter malogrado até no intento de ser um completo fracasso.

O tempo de voo foi suficiente para que eu pudesse rememorar e evocar todas as circunstâncias que envolveram nossas vidas e adolescências.

Ambos tínhamos quinze anos quando nos conhecemos no então segundo grau de uma escola tecnocrata de Manaus, vindos de outras instituições e cidades. Ela, paulistana, criada na, para mim, remota Vila Madalena. Eu, embora manauara, recém-chegado do Ceará depois de uma temporada com minha família paterna, voltando a viver com minha mãe e avó.

Menino criado com vó, sem pai e irmão. Mimado. Efeminado. Não joga bola. Só sai pra ir até a feira comprar cheiro verde. Assiste à novela. Lê demais.

Até então um dos mistérios existenciais que mais me atormentava era como um dia eu iria conseguir uma namorada.

Não que hoje eu saiba ao certo, mas na infância e começo da adolescência, tal questão ganha outros contornos.

Minha experiência sobre o tema se restringia ao que via na televisão e nos livros, o que evidentemente me produziu uma visão excessivamente romanesca do assunto. Minha mãe e avó, duas portuguesas carolas, estavam mais preocupadas com o destino de minha alma do que qualquer coisa. “Esse menino tem vocação pro sacerdócio”, era a maneira desesperada de acreditarem que eu não era “viado”, como supunha boa parte da vizinhança.

Sempre alheio aos anseios metafísicos familiares e aos cochichos da vizinhança, desde que me passei a entender por gente, estava apaixonado por uma mulher. Meus primeiros amores foram a Cláudia Ohana e a professora Marcilene, mas amar é fácil, é involuntário, é sede que dá e não sacia. Aos quinze anos eu já era um exilado amoroso. Minha mãe e avó haviam me mandado para o Ceará na esperança de me ver voltar padre ou ao menos homem feito. Voltara desesperançado e sucumbido de amores por Deolinda, minha primeira paixão, digamos que, factível, e evidentemente não correspondida, ainda.

O problema estava nas artes da conquista, ainda mais com objetos amorosos tão inacessíveis. Custava-me entender como isso ocorria, quando se dava o encontro formal e em quais termos se definia quando alguém era namorado de alguém.

Minha experiência se restringia às vagas cenas novelescas que sempre envolviam rosas e bombons, ou o Sílvio Santos

intermediando tudo com um “é namoro ou amizade?”. Aquilo era mágico, algo com um cupido que acertava e unia dois indivíduos, possivelmente, para sempre.

Inquietava-me a ideia de quando fosse minha vez, como isso se daria, quais protocolos eu deveria seguir. E a bela colega da escola, quando fôssemos adultos? Como eu deveria proceder? Uma carta com minhas intenções de namoro? Rosas? Sempre havia flores no processo.

Ao que me indicavam, para cada um sempre há um outro, mas por onde andaria aquela que não sabia que eu era o seu outro? E se ela se equivocasse e se achasse com outrem no meio do caminho, me ignorando para todo o sempre? O desespero me tomava, e se eu desse um passo errado? E se no fim eu nunca aprendesse? Já me via idoso, morando com minha mãe e avó sem nunca ter tido uma namorada, sem nunca ter casado e ter tido filhos e cumprido os itens que, a meu ver, fiavam que você era um adulto.

Não há nada mais fascinante do que como uma criança absorve as imagens e informações que, em tese, não são destinadas para ela, exemplo: passando a infância no período do auge do combate à AIDS, com propagandas ostensivas, como a do Bráulio, para mim a camisinha era uma espécie de repelente colocado no criado-mudo para espantar o mosquito causador da doença. Nem nos meus mais remotos sonhos eu poderia imaginar como, efetivamente, o preservativo era utilizado de maneira eficaz.

As primeiras cartas apaixonadas foram para a professora Marcilene. Não foram poucas; nem cartas, nem professoras,

mas Marcilene foi a primeira. Nos intervalos entre uma aula e outra, quando de sua saída, eu deixava a expressão de meus mais profundos sentimentos delicadamente sobre o birô da sala. Inesquecível o sorriso singelo da musa ao desdobrar o papel, a face corava como se a inexperiência nos tratos do amor fosse, de fato, dela e não minha. Em certa carta, depois de inúmeros “eu te amo”, me saí com um “cansei de escrever, mas continuo te amando”. Como prêmio, ganhava um afago nas bochechas e o comentário de que eu ainda faria uma mulher muito feliz.

Acredito que o presságio se efetivou e posso dizer ao garoto que fui umas duas ou três coisas sobre os mistérios que tanto o assombravam, mas sigo tão leigo quanto em tais ofícios.

Ana apareceu em minha vida desavisadamente. Tão deslocada quanto eu na nova escola e fase da vida, o famigerado secundário. Agarramo-nos um ao outro como um bote na deriva juvenil. Sei que é comum a nostalgia romantizar o primeiro namoro, mas nem de perto é possível conceber o que vivemos singelamente como apenas uma experiência burlesca ou mero rito de passagem na estrada amorosa que todos costumam percorrer.

Poderia me restringir a informar que perdemos a virgindade juntos. Contudo, o que é a famigerada virgindade diante de todo o mundo novo que se descortina aos mais novos visitantes da metrópole chamada sexo? Trata-se de um mero arco, geralmente dotado de uma mensagem de boas-vindas nas proximidades de portos, aeroportos e rodovias que todo recém-chegado transpassa embevecido diante da promessa de novidades.



Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em julho de 2019.

